

Uma análise sobre o transcrito público do imperador Marco Aurélio Carino (282-285 d.C.)

*An analysis about the hidden transcript of the Emperor Marcus
Aurelius Carinus (282-285 AD)*

Diogo Pereira da Silva *

Resumo: Neste artigo, temos por objetivo analisar a representação do poder do imperador romano Marco Aurélio Carino (282-285) a partir do referencial teórico do transcrito público, tal como proposto pelo antropólogo americano James C. Scott, no livro *Domination and the arts of resistance: hidden transcripts*. A análise do transcrito público de Carino nos permitirá, não obstante, discutir os fatores que caracterizaram o poder imperial romano durante o século III, como a importância conferida às relações familiares e ao apoio das divindades como fatores de legitimação do poder.

Abstract: In this article, we aim to analyze the representation of the Roman Emperor Marcus Aurelius Carinus (282-285) from the theoretical framework of the public transcript, as proposed by James C. Scott in his book *Domination and the arts of resistance: hidden transcripts*. The analysis of the public transcript of Carinus allows us to discuss the factors that characterized the Roman imperial power during the Third Century AD, as for instance the importance given to family relationships and the deities' support as factors of legitimacy of the political power.

Palavras-chave:

Carino;
Transcrito público;
Poder;
Legitimidade.

Keywords:

Carinus;
Hidden transcripts;
Power;
Legitimacy.

Recebido em: 03/09/2014
Aprovado em: 29/09/2014

* Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor da Universidade Salgado de Oliveira (Universo). Líder do Grupo de Pesquisa *Mundo Mediterrâneo na Antiguidade Tardia*, da Universo.

Neste artigo, possuímos um duplo objetivo: em primeiro lugar, apresentar as possibilidades abertas pela utilização do conceito de *transcrito público* para o estudo das representações do poder dos grupos dominantes romanos; e, em seguida, analisar um imperador pouco estudado pela historiografia especializada no período da Antiguidade Tardia, Marco Aurélio Carino (282-285 d.C.).

A partir da obra *Domination and the arts of resistance. hidden transcripts*, do antropólogo americano James C. Scott (1990), compreendemos transcrito público como todos os tipos de linguagens e representações simbólicas e materiais que os grupos dominantes utilizam no processo linguístico de autorrepresentação. Os transcritos públicos, desse modo, podem ser tanto uma moeda, um monumento ou um panegírico, como uma cerimônia, na qual são apresentados os símbolos de poder e distinção entre os indivíduos de uma sociedade.

Em sua discussão teórica, Scott compreende uma dinâmica dialética entre o que ele denomina de *public transcript* – transcrito público – e *hidden transcript* – transcrito “velado” ou “oculto”. O transcrito público é toda demonstração e ação pública de membros dos grupos dominantes e dos grupos dominados, que referendam o *status quo*, demonstrando como os grupos dominantes desejam ser vistos e representados.

Já o transcrito “velado”, ou “oculto” consiste “naqueles discursos, gestos e práticas que ocorrem nos bastidores e que confirmam, contradizem ou declinam o que aparece no transcrito público” (SCOTT, 1990, p. 4).

Por certo, a preocupação de Scott é com o *hidden transcript* dos grupos subordinados, em suas táticas diárias para subverter a ordem, atuando nos bastidores de forma que jamais agiriam perante os grupos dominantes, o que oferece “um caminho para a ciência social desvelar contradições e possibilidades, que aparecem bem abaixo da plácida superfície que a acomodação pública apresenta para a distribuição de poder, riquezas e status” (SCOTT, 1990, p. 15).

Não obstante, esta não é a nossa preocupação central. A instrumentalização do conceito de transcrito público nos permite compreender a retórica do poder imperial a partir da autorrepresentação dos grupos dominantes e, igualmente, estudar a propagação da imagem imperial. Quanto a isto podemos assumir o conceito de transcrito público como “[...] o autorretrato das elites dominantes, como elas se veem. Dado o poder usual das elites dominantes em compelir performances de outros” (SCOTT, 1990, p. 18).

A partir desta definição ampla, podemos considerar que a difusão da imagem imperial através das moedas, dos monumentos, das inscrições, das cerimônias e dos panegíricos – que demonstravam o transcrito público e a autorrepresentação do poder imperial – tinham por objetivo estimular a adesão aos ideais do governo, legitimando-o. Estas expressões públicas do poder imperial eram discursos que possuíam funções no processo de comunicação ao afirmar hierarquias, eufemizar a imagem dos imperadores e estigmatizar possíveis adversários.

Nesse sentido, cabe-nos destacar outro conceito igualmente importante, o de representação. Em uma discussão teórica e prática acerca das representações, Roger Chartier (1990, p. 17) define que:

As representações do mundo social, assim, construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

Desta forma, Chartier apresenta como proposta a análise de como as práticas e as representações são constituídas, percebendo as representações como construção que os grupos sociais fazem sobre as suas próprias práticas. Não obstante, estas práticas existem apenas enquanto representações.

Compartilhamos desta forma de pensar as relações de poder, e compreendemos as práticas existentes nos transcritos públicos como uma construção que visa a demonstrar as representações do poder imperial romano.

A partir da análise dos dados advindos da documentação de cultura material e da documentação escrita, propomos uma análise do transcrito público de Carino, considerado no quadro geral dos discursos de representação do poder imperial romano durante o século III d.C.

Tais discursos, produzidos, por pessoas ligadas ao poder imperial, tinham o objetivo de afirmar e ratificar a hierarquia de poder, a potencialidade da coerção e a estrutura normativa da sociedade; dissimular, ao controlar a organização do transcrito público; eufemizar, exaltando a autoridade em seu caráter benéfico, inofensivo e positivo nas relações de poder (SCOTT, 1990, p. 45-69).

Neste sentido, a análise do transcrito público de Carino nos permitirá discutir algumas características do poder imperial romano em fins do século III d.C., tais como a importância conferida às relações familiares e ao apoio das divindades como fatores de legitimação.

A narrativa da ascensão de Carino ao poder imperial se iniciou da mesma forma que a de outros imperadores que lhe antecederam durante a Anarquia Militar do século III d.C. Segundo os relatos documentais, após a vitória sobre os sármatas, o imperador Caro (282-283 d.C.) seguiu uma campanha contra o Império Sassânida, que logrou certo sucesso, chegando mesmo a tomar de assalto a importante cidade mesopotâmica de Ctésifon,¹ conforme pode ser inferido das cunhagens monetárias em que o imperador Caro foi representado acompanhado dos epítetos *Parthicus* (RIC V-2 *Carus* 108, 109, 110, 111, 112, 113) e *Persicus* (RIC V-2 *Carus* 48, 50).

No entanto, em um episódio obscuro, o imperador morreu no decorrer desta campanha contra os persas. Segundo a documentação escrita do século IV d.C. – e de Época Bizantina –, Caro foi fulminado por um raio, que acabou por provocar um incêndio em sua tenda.²

Em seu curto governo, bruscamente interrompido, podemos observar que Caro buscou evitar os problemas de sucessão e perpetuação da autoridade imperial seguindo a estratégia de elevar seus dois filhos – Carino (282-285 d.C.) e Numeriano (282-284 d.C.) ao poder imperial,³ na qualidade de *Nobilíssimos Césares*, conforme podemos inferir da documentação de cultura material,⁴ como, por exemplo, a epígrafe *ILS 606*, da Numídia – Epígrafe 1:

¹ Consultar: Ammiano Marcelino, XXIV, 5, 3; Aurélio Victor, *De Caesaribus*.38, 3; George Cedreno, *Compêndio de histórias*, p. 464, 7; Flávio Eutrópio, *Breviário*, IX, 18, 1; Festus, 24, 2; Jerônimo, *Crônica*, 284; Jordanes, *Romana*, 294; Malalas, XII, 302-303; Orósio, VII, 24, 4; História Augusta, *Carus et Carinus et Numerianus* VIII, 1; Syn., p. 724, 11-16; Zonaras, XII, 30.

² Consultar: Aurélio Victor, *De Caesaribus*, 38, 3; *Epítome*, 38, 3-5; Flávio Eutrópio, *Breviário*, IX, 18, 1; Festus, 24, 2; Jordanes, *Romana*, 294; Orósio, VII, 24, 4; Sidônio Apolinário, XXIII, 401; História Augusta, *Carus et Carinus et Numerianus*, VIII, 2-3; Syn., p.724, 11-16; Zonaras, XII, 30. Em outras versões recolhidas por historiadores bizantinos, Caro foi morto no decurso de uma campanha contra os Hunos (Malalas, XII, 302-303; Zonaras, XII, 30); ou pela praga (George Cedreno, *Compêndio de histórias*, I, 9).

³ Consultar: Aurélio Victor, *De Caesaribus*.38, 1; George Cedreno, *Compêndio de histórias*, p. 464, 9; *Epítome*, 38,2; Flávio Eutrópio, *Breviário*, IX, 18, 1; Jordanes, *Romana*, 294; História Augusta, *Carus et Carinus et Numerianus*, VII,1; X,1; Zonaras, XII, 30.

⁴ Consultar: ILS 601, 602, 603, 604, 606; RIC V-2 *Carinus* 147-210; RIC V-2 *Numerianus* 352-380.

A Marco Aurélio Carino | Nobilíssimo César, Augusto, príncipe da juventude, | cônsul, filho | do imperador César Marco Aurélio Caro, | invicto, o pio, o feliz, Augusto, pai da Pátria, no segundo ano do | poder tribunício, pontífice | máximo, cônsul pela segunda vez, procônsul, irmão de | Marco Aurélio Numeriano | Nobilíssimo César, Augusto, príncipe da juventude. | A república da colônia dos Calamenses dedicou, cuidou | Macrinio Sossiano, homem claríssimo, curador da república.

M. Aurelio Carino | nobilíssimo Caes. Aug. pr. iu. | cos. filio. imp. Caes. M. Aureli Cari | invicti p. f. Aug. p.p. tr. p. I p. m. cons. I[I pro]cos. fratri | M. Aure[li Numeriani] no|bilissimi Caes. Aug. pr. iu. | Res publi. Col. Kal. Cur. | Macrinio Sossiano | c. v. cur. rei. publ.

A análise dos dados advindos da cultura material nos permite compreender a concepção de poder imperial que se propugnava em fins do século III d.C. A elevação de seus dois filhos à categoria de *Nobilísimos Césares* – difundida em moedas e epígrafes –, a associação de ambos ao poder imperial – de forma subalterna –, e a formação de uma *casa imperial*, antecipam as medidas que vieram a ser tomadas pelos imperadores da Tetrarquia e na época de Constantino e seus filhos.

A esta política concorre a divisão das responsabilidades de gestão do Império Romano entre Caro e seus filhos. O mais velho, Carino, foi logo enviado ao *limes* do rio Reno (*Epítome*, 38, 2; Nemesiano, 63-75) para lutar contra as tribos germânicas e, pouco tempo depois, recebeu o *imperium* e a titulação de Augusto (PEACHIN, 1990, p. 98). Já seu filho mais novo, Numeriano, foi mantido ao seu lado (História Augusta, *Carus et Carinus et Numerianus*, X,1)⁵ sob a tutela do prefeito do pretório Lúcio Flávio Áper, que logo ofereceu a mão se sua filha ao seu tutelado (Aurélio Victor, *De Caesaribus*, 38, 6).⁶

Além da formação de uma *casa imperial*, observamos a existência de exemplares monetários nos quais Caro – a exemplo de Aureliano – foi caracterizado como um representante das divindades na Terra, como *Deus et Dominus*, inclusive com a sua associação com o deus *Sol Invictus*, como no caso da Figura 1.

⁵ Consultar também: Flávio Eutrópio, *Breviário*, IX, 18, 2; Zonaras, XII, 30.

⁶ Consultar também: *Epítome*, 38, 4; Syn., p. 724, 17-19; Zonaras, XII, 30.

Figura 1: *Aes* (*Antoninianus*) cunhado na Siscia em 282 d.C.



Anverso: Sol Invicto radiado, colgado, à direita, face a face com Caro, encouraçado, radiado, à esquerda com a legenda: *DEO ET DOMINO CARO INVIC(to) AVG(usto)*. Reverso: Felicitas de pé, à esquerda, apoiada sobre uma coluna, segurando um caduceu e um cetro. Legenda: *FELICITAS REIPUBLICAE* / XII. Ref.: RIC V-2 Siscia 99.

A associação ao deus *Sol Invictus* permite ao imperador, na demonstração de seu transcrito público, a afirmação de que o imperador toma para si o epíteto da divindade – a sua invencibilidade – e torna-se um igual aos deuses, um “deus e senhor”, acima de todos os demais habitantes da República, que estão em um período de felicidade garantido pela ordem imperial de Caro.

Esta representação do poder imperial, que se desenvolveu durante o século III d.C., relaciona-se ao apoio de uma divindade como parte fundamental da demonstração do transcrito público imperial, que, inclusive, se manteve durante a Antiguidade Tardia, em vários matizes, como na época da Tetrarquia e no período de Constantino (306-337).

Em relação ao prefeito do pretório de Caro, Flávio Áper, a partir da documentação escrita,⁷ podemos inferir que era um militar experimentado e antigo companheiro de armas de Caro. Com muita probabilidade, Áper pode ser identificado com um homônimo que governou a província da Panônia Inferior na década de 270 d.C. (PLRE *Aper* 3) e, após a morte de Caro, tornou-se a principal influência sobre o jovem Numeriano, que herdou do seu pai o Império Romano, o título de Augusto e a guerra contra os persas sassânidas.

⁷ Para mais informações sobre Aper, ver: PLRE *Aper* 2, *Aper* 3.

Como primeiro ato de governo, Numeriano decidiu por termo ao conflito e recuar as legiões ao território romano, em um itinerário que durou dezessete meses, entre agosto de 283 e novembro de 284 d.C. No decorrer desta viagem, o jovem imperador contraiu uma enfermidade nos olhos, que o obrigou a ser conduzido de liteira pelo resto do percurso; entretanto, no meio do trajeto – próximo à Ásia Menor –, Numeriano foi assassinado (Aurélio Victor, *De Caesaribus*, 38, 7).⁸

O chefe da guarda imperial, Diocles – o futuro imperador Diocleciano –, e Áper – o seu sogro, e prefeito do pretório –, eram as pessoas que mantinham o contato direto com o imperador. Entretanto, o jovem imperador caiu assassinado e, segundo a tradição documental, por um complô organizado pelo seu próprio sogro, Áper (Aurélio Victor, *De Caesaribus*, 38, 6-7).⁹ Este ainda manteve a morte do genro em segredo durante vários dias de marcha, afirmando que o imperador estava melhorando, até que odor da decomposição de seu corpo tornou-se inocultável (*Epitome*. 38,5).¹⁰

Com a descoberta da morte de Numeriano, organizou-se uma assembleia com as tropas (Flávio Eutrópio, *Breviário*, IX, 20).¹¹ Devido à sua virtude militar – *virtus* –, Diocles foi aclamado imperador e Augusto e, em seguida, perante toda a assembleia acusou o prefeito do pretório pelo assassinato, desembainhou a sua espada e a trespassou pelo corpo de Áper, que, pego de surpresa, nada pode fazer em sua defesa (Flávio Eutrópio, *Breviário*, IX, 20).¹² Em 20 de novembro de 284 d.C., após ser aclamado Augusto e executar Áper, Diocles mudou o seu nome para Caio Aurélio Valério Diocleciano (Aurélio Victor, *De Caesaribus*, 39,1).¹³

Ao executar o prefeito do pretório Áper, Diocleciano livrou-se de um primeiro obstáculo ao poder imperial; não obstante, havia ainda um Augusto legítimo governando o Império Romano, Carino – o irmão de Numeriano.

⁸ Ver também: *Epitome*, 38, 4; Flávio Eutrópio, *Breviário*, IX, 18, 3; Jerônimo, *Crônica*, 285; Jordanes, *Romana*, 295; História Augusta, *Carus et Carinus et Numerianus XII*, 1; Syn, p. 724, 17; Zonaras, XII, 30. Em versões recolhidas por historiadores bizantinos, Numeriano foi capturado pelos persas sassânidas e morreu ao ser esfolado (Malalas, XII, 304).

⁹ Consultar também: *Epitome*. 38,4; Flávio Eutrópio, *Breviário*, IX, 18; História Augusta, *Carus et Carinus et Numerianus XII*, 1; Zon., XII, 31.

¹⁰ Ver também: Flávio Eutrópio, *Breviário*, IX, 18; História Augusta, *Carus et Carinus et Numerianus XII*, 2.

¹¹ Ver também: História Augusta, *Carus et Carinus et Numerianus*, XII, 2.

¹² Consultar também: História Augusta, *Carus et Carinus et Numerianus*, XIII, 2; Zonaras, XII, 30; 31).

¹³ Para maiores informações, ver também: Epit. 39,1; Flávio Eutrópio, *Breviário*, IX, 19,2; Jerônimo, *Crônica*, 286; *Papiros de Panópolis*, II, 162, 170; Orósio, VII, 25, 1; História Augusta, *Carus et Carinus et Numerianus*, XIII, 1; Zonaras, XII, 30; 31; Zósimo, *História Nova*, I, 73, 2.

Ao passar em revista a historiografia, é patente que o imperador Carino foi relegado ao posto de eterna nota de rodapé; cuja qualificação mais comum é a de um “primeiro problema” com o qual Diocleciano teve que lidar (BARNES, 1981, p. 4; CHRISTOL, 2006, p. 188; LEADBETTER, 2009, p. 39; POTTER, 2004, p. 279-280).

Por certo, a documentação escrita – em especial, *História Augusta, Aurélio Victor, Zonaras, e Eutrópio* – nos legou uma imagem negativa de Carino, baseando-se, em geral, nos *topoi* retóricos da *incontinência sexual* – que se desdobra em adultério, luxúria, estupro e corrupção de jovens –; da *humilhação dos primeiros* – ordenamento de execuções de notáveis, violações de esposas de senadores e generais, crueldades (Aurélio Victor, *De Caesaribus*, 38, 6-7)¹⁴ –; e da *evocação de uma imagem régia* – como os banquetes, o palácio cheio de pantomimeiros e prostitutas, as vestimentas suntuosas cheias de joias, e se deixar aclamar como *rex* (*História Augusta, Carus et Carinus et Numerianus*, XVI 1-8, XVII 1-7).

Seguir pela documentação escrita nos levaria a apenas reafirmar a representação tradicional de Carino. Caso nosso olhar seja levado para o estudo da documentação de cultura material, podemos levantar algumas considerações sobre a demonstração do transcrito público de Carino, em especial através moedas que ele cunhou em homenagem a seus parentes divinizados, como sua esposa, e nas quais afirmava a sua *virtus* militar.

Sobre as divinizações podemos afirmar que após tomar ciência das mortes de Caro e de Numeriano, Carino realizou o ritual da *consecratio*, através do qual um imperador falecido ascendia ao estatuto de *diuus* (GONÇALVES, 2003, p. 25-36; PRICE, 1992, p. 56-105). Além destas duas *consecrationes*, Carino realizou uma terceira *consecratio*, a de Nigriniano, com muita probabilidade, o seu filho.

Estas *consecrationes* foram devidamente acompanhadas por emissões monetárias,¹⁵ nas quais Carino celebrou a memória de seus parentes divinizados, exaltando a sua *pietas* e glorificando-se através da rememoração dos membros da família imperial que foram divinizados.¹⁶

¹⁴ Ver também: *Epitome*, 38,7; Flávio Eutrópio, *Breviário*, IX, 21; *História Augusta, Carus et Carinus et Numerianus*, XVI 1-8, XVII 1-7; Zonaras, XII, 30.

¹⁵ São exemplos: RIC V-2 *Carus* 4, 28, 29, 30, 47, 48, 49, 50, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 126, 127, 129; RIC V-2 *Numerianus* 424, 425, 426; RIC V-2 *Nigrinianus* 471, 472, 473, 474.

¹⁶ A *pietas* – a relação correta existente entre os homens e os deuses, advinda da realização de rituais religiosos como sacrifícios e libações, que garantiam os favores divinos ao homem (ANDO, 2008, p.1-19;

Figura 2: *Aurens* cunhado em Lyon entre 283-285 d.C.



Anverso: Divino Caro laureado à direita com a legenda: *DIVO CARO PARTHICO*. Reverso: Águia de pé, frontalmente, cabeça à esquerda, sobre um globo. Legenda: *CONSECRATIO*. Ref.: RIC V-2 Carus 4.

Figura 3: *Aes* cunhado em Roma em 285 d.C.



Anverso: Divino Nigriniano radiado, colgado, à direita com a legenda: *DIVO NIGRINIANO*. Reverso: Águia de pé, frontalmente, cabeça à esquerda. Legenda: *CONSECRATIO / KAA*. Ref.: RIC V-2 Nigrinianus 472.

RIVES, 2007, p. 148-57). Em relação à *pietas*, temos o adjetivo *pius*, que qualifica o homem que reverencia corretamente as divindades imortais e os seus mortos – performando os ritos, ou as cerimônias fúnebres, por exemplo –, e aquele que mantém os acordos com outros homens.

Figura 4: *Aes (Antoninianus)* cunhado em Roma entre 284-5 d.C.



Anverso: Divino Nigriniano à direita com a legenda: *DIVO NIGRINIANO*. Reverso: Pira funerária encimada por uma biga. Legenda: *CONSECRATIO*. Ref.: RIC V-2 Nigrinian 471.

Figura 5: *Aes (Antoninianus)* cunhado em Roma entre 284-5 d.C.



Anverso: Divino Numeriano radiado, à direita com a legenda: *DIVO NUMERIANO*. Reverso: Altar de sacrifícios, dividido em quatro seções. Legenda: *CONSECRATIO / KAA*. Ref.: RIC V-2 Numerian 426.

Neste ponto, cabe-nos ressaltar a representação da pira funerária e da águia nas tipologias de reverso, os quais são símbolos principais que denotam os rituais de divinização, conforme estudado por Simon Price (1992, p. 95) e Ana Teresa Gonçalves (2003, p. 25-36). Destaca-se a simbologia da águia, que é o atributo de Zeus/Júpiter e personificação do poder imperial. Além disso, a águia cumpria um papel central na cerimônia da *consecratio* pela qual o imperador falecido se tornava um *diuus*. Segundo Ana Teresa Gonçalves (2003, p. 32) – quando estuda a *consecratio* de Septímio Severo – a águia era responsável por transportar a alma dos imperadores para o céu, daí sua

importância nos relevos funerários, nas moedas comemorativas e a soltura de uma águia após o ritual de cremação.

Ademais, a divinização de Nigriniano ainda foi celebrada com uma epígrafe (*ILS* 611) no Fórum de Augusto, em Roma, dedicada por Geminio Festo – um *vir perfectissimus*, que serviu como membro da administração imperial da década de 280 d.C. ao final da Tetrarquia –, na qual está inscrito:

Ao Divino Nigriniano | neto de Caro | Geminio Festo, homem devoto | *rationalis*
Divo Nigriniano | nepoti Cari | Geminus Festus v(ir) d(evotus) | *rationalis*

Além da divinização de seus parentes, na demonstração do seu transcrito público Carino associou a sua esposa – Magnia Urbica – à sua imagem imperial. De Magnia Urbica, conhecemos a existência apenas pelos registros numismáticos e epigráficos, sendo quaisquer detalhes sobre a sua vida e morte desconhecidos.

Outrossim, mostra-se imperioso salientar a importância que Carino conferiu à sua esposa, pois tal associação nos permite postular que este imperador propunha a existência de uma casa imperial, que seria mandatária legítima do Império Romano, frente a qualquer usurpador. Este projeto de formação de uma casa imperial se consolidava como uma praxe desde que Valeriano associou seu filho Galieno ao poder, no ano 260 d.C.

Este é o exemplo da epígrafe *ILS* 610, da cidade de Thamugadi, na África Proconsular, na qual Magnia Urbica foi representada como esposa de Carino e, principalmente, como mãe dos castros, do Senado e da Pátria.

A Magnia Urbica Augusta, mãe dos castros, do Senado e da Pátria, esposa do
Nosso Senhor Carino Invicto Augusto.
Magniae | Urbicae | Aug(ustae) ma|tri cas|trorum | Senatus | ac patri|ae, coniu | gi
d(omini) n(ostr) Ca | rini in | victi | Aug(usti)

Esta casa imperial de Carino e Magnia Urbica estava ligada por laços religiosos entre si, e com o plano divino, o que pode ser proposto a partir do exame das emissões monetárias aos *divi* Caro, Numeriano e Nigriniano; pela associação da imagem de

Carino, em moedas, às divindades – Júpiter,¹⁷ Hércules,¹⁸ Vênus¹⁹ e Sol Invicto –,²⁰ e de Magnia Urbica a Vênus²¹ e Juno;²² e pela associação de Carino com *Magnia Urbica*.²³

Figura 6: *Aurens* cunhado em Lyon em 284 d.C.



Anverso: *Magna Urbica* colgada, com um diadema, à direita com a legenda: *MAGNIA VRBICA AVGVSTA*.

Reverso: Vênus de pé à esquerda, segurando uma maçã e um cetro. Legenda: *VENVS GENETRIX*. Ref.: RIC

V-2 Magnia Urbica 336.

Em outro conjunto retórico de seu transcrito público, observamos uma grande quantidade de moedas, nas quais são glorificadas a paz – *pax* –,²⁴ a vitória – *victoria* –,²⁵ e a virtude militar – *virtus* –²⁶ de Carino, atributo fundamental de um imperador que demonstrava, nos campos de batalha, o favor divino através de suas vitórias e de suas virtudes enquanto comandante, mantendo a paz pela guerra, como o exemplo da Moeda 7.

¹⁷ RIC V-2 *Carinus* 257, 258, 259, 260, 314, 323, 324.

¹⁸ RIC V-2 *Carinus* 225, 233, 234, 235, 268, 271, 272, 284, 291, 321.

¹⁹ RIC V-2 *Carinus* 230, 231, 232.

²⁰ RIC V-2 *Carinus* 262, 310.

²¹ RIC V-2 *Magna Urbica* 336, 337, 338, 340, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 350, 351.

²² RIC V-2 *Magna Urbica* 341

²³ RIC V-2 *Carinus* 334, 335.

²⁴ RIC V-2 *Carinus* 263, 273, 274, 276, 277, 278, 285, 289, 301.

²⁵ RIC V-2 *Carinus* 211, 218, 219, 220, 221, 222, 275, 280, 281, 286, 293, 304, 305, 306, 312, 313, 319, 320, 328.

²⁶ RIC V-2 *Carinus* 223, 224, 225, 233, 234, 235, 268, 269, 270, 271, 272, 282, 283, 284, 287, 288, 290, 291, 314a, 321, 325, 326, 327, 329.

Figura 7: *Aes (Antoninianus)* cunhado em Ticinum entre 284-5 d.C.



Anverso: Carino radiado, colgado, encouraçado à direita com a legenda: *IMP(erator) CARINVS P(ius) F(elix) AVG(ustus)*. Reverso: Vitória avançando à esquerda, segurando uma coroa de louros e uma palma.

Legenda: *VICTORIA AVG(usti) / QXXI*. Ref.: RIC V-2 Carinus 304.

Considerando as várias possibilidades de demonstração do seu transcrito público, Carino buscou legitimar o seu poder imperial através da emulação das relações familiares e ao apoio das divindades. No entanto, Carino se defrontou com uma série de problemas militares internos que acabaram por dar termo em seu governo.

Além de ter que lidar com a usurpação de Diocleciano, no Oriente, Carino precisou se deslocar para o Norte da Itália, em direção à Panônia, onde Marco Aurélio Juliano – então seu prefeito do pretório e *corrector*²⁷ – se insurgiu. Após derrotar Juliano, Carino, liderou uma expedição militar ao encontro de Diocleciano (Aurélio Victor, *De Caesaribus*, 39, 10).²⁸

Durante a primavera do ano 285, as tropas de Diocleciano e de Carino se encontraram na Mésia Inferior, às margens do Rio Margo, atual rio Morava, na Sérvia. No entanto, não ocorreu uma *Batalha do Rio Margo*, mas tal qual outros imperadores que o antecederam no século III, um complô organizado pelo alto comando – contando com a participação ativa de seu novo prefeito do pretório, Aurélio Aristóbulo (PLRE *Aristobulus*)²⁹ – assassinou Carino (Aurélio Victor, *De Caesaribus*, 38, 11).³⁰

²⁷ Conforme pode se inferir das *Notitia Dignitatum* o *corrector* era o cargo que assumia os governadores de certas províncias do Império Romano.

²⁸ Ver também: Epitome. 38, 6; Zósimo. História Nova. I 73, 1-3. Ver também: RIC V-2 *Marcus Aurelius Julianus (of Pannonia)* 1, 2, 3, 4, 5.

²⁹ Após Diocleciano se tornar o imperador único, ele perdoa Aristóbulo do assassinato de Carino, ver: Aurélio Victor. *De Caesaribus*.39, 14.

Assim, embora todo o seu esforço para demonstrar sua legitimidade e garantir a perpetuação de sua família como salvaguarda do Império Romano, Carino foi derrubado por um complô e, em seguida, sofreu a *damnatio memoriae*, tendo suas imagens e inscrições obliteradas.³¹ Em seguida, veio o trabalho dos epitomistas e dos historiadores que, desde o século IV d.C. vem relegando as ações deste imperador a um preâmbulo à história do Império Romano tardio, que teria se iniciado, então, com Diocleciano.

Referências

Documentação primária impressa

- AURELIO VICTOR. *De Caesaribus*. Translated by H.W. Bird. Liverpool: Liverpool Press, 1994.
- FLAVIO EUTROPIO. *Breviarium*. Translated by H.W. Bird. Liverpool: Liverpool University Press, 1993.
- FESTUS. *Breviarium*. Translated by Thomas M. Banchich & Jennifer A. Meka. Buffalo, NY: Canisius College, 2001.
- GEORGIUS CEDRENIUS. *Compendium Historiarum*. Tr. Immanuele Bekkero. Bonnae: Impensis Ed. Weberi, 1838 (Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae).
- GEORGIUS SYNCHELLUS. *Cronografiae*. Tr. Guilielmus Dindorfius. Bonnae: Impensis Ed. Weberi, 1829 (Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae).
- JEROME. Chronicle. Translated by Malcolm D. Donalson. In. SCHAFF, P. & WACE, H. (Ed.). *A select library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Edinburgh: T&T Clark, 1896. t. V-1.
- MALALAS. *Chronographia*. Tr. Ludovicus Dindorfius. Bonnae: Impensis Ed. Weberi, 1831 (Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae).
- PSEUDO-AURELIUS VICTOR. *Epitome De Caesaribus*. Translated by Thomas M. Banchich. Buffalo, NY: Canisius College, 2001.

³⁰ Consultar ainda: Epit. 38,7; Flávio Eutrópio. *Breviário*, IX, 19; Jer. Chron. 285; Jordanes. *Romana*, 295; História Augusta, *Carus, Carinus et Numerianus*, 18, 2; Zós. H.N. I 73,3

³¹ Para mais informações sobre a *damnatio memoriae*, ver GONÇALVES, 2008.

- SIDONIUS APOLLINARIUS EPISCOPUS. Carmina. In: MIGNE, J. P. *Patrologia Latina*. Paris, 1865. v. LVI.
- ZONARAS. *The History of Zonaras*. Translated by Thomas M. Banchich & Eugene N. Lane. London: Routledge, 2012.
- ZOSIMO. *Historia Nueva*. Traducción de José M. Candau Morón. Madrid: Gredos: 1992.

Documentação de cultura material

- DESSAU, H. *Inscriptiones Latinae Selectae*. Berlim, 1892-1916.
- WEBB, P. Probus to Ammandus. In: MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E. A. *The Roman imperial coinage*. Londres: Spink & Son, 1933. v. V-2.

Obras de apoio

- BARNES, T. D. *Constantine and Eusebius*. Cambridge: Harvard University Press, 1981.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHRISTOL, M. *L' Empire Romain du III^e Siècle*. Paris: Éditions Errance, 2006.
- GONÇALVES, A. T. M. 'Funus Imperatorum': uma análise da cerimônia de apoteose do imperador Septímio Severo. *Phoenix*. v. 9, p. 25-36, 2003.
- GONÇALVES, A. T. M. Uma análise da 'damnatio memoriae' de Geta. In: FUNARI, P. P. A.; SILVA, G. J. MARTINS, A. L. (Org.). *História Antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 115-128.
- LEADBETTER, B. *Galerius and the will of Diocletian*. London: Routledge, 2009.
- POTTER, D. S. *The Roman Empire at bay. AD 180-395*. London: Routledge, 2004.
- PEACHIN, M. *Roman imperial titlature and chronology (AD 235-285)*. Amsterdam: J.C. Gieben, 1990.
- MENDES, N. M. O culto imperial como discurso de Romanização. *Revista Maracanan*, nº 9, p. 144-165, 2013.
- PRICE, S. From noble funerals to divine cult: the consecration of Roman Emperors. In: CANNADINE, D. PRICE, S. (Ed.) *Rituals of royalty*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 56-105, 1987.
- SCOTT, J. C. *Domination and the arts of resistance: hidden transcripts*. New Haven: Yale University Press, 1990.